

FRANCÊS E PORTUGUÊS: RAÍZES COMUNS E CONTRIBUIÇÕES

Nelly Carvalho*

Introdução

As línguas latinas resultam de uma invasão territorial e de uma assimilação da cultura dos vencedores pelos vencidos: a conquista romana da parte ocidental da Europa, com toda a resistência dos que a habitavam, e por eles eram chamados com desprezo de bárbaros. E, desta invasão, resultou a cultura latina, herdeira da grandeza dos que a fizeram e, transformada de acordo com os povos que a receberam e modificaram. Com isso, surgiram as várias línguas da Europa ocidental, com suas respectivas culturas, no que está incluída a literatura.

No caso, vamos analisar o Português e a contribuição recebida do Francês. Mattoso Câmara Júnior, pioneiro da lingüística no Brasil, considerava que língua e cultura constituem um todo indivisível. Todas as manifestações culturais são expressas na língua materna, havendo, pois, uma simbiose entre ambas, língua e cultura; assim, as línguas latinas e suas culturas, por suas raízes comuns, continuam a existir e mantêm as semelhanças sistêmicas e culturais.

Vamos, pois, ver como funciona a troca entre sistemas lingüísticos e suas características.

* Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco e Professora-Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco.

Sistema lingüístico e empréstimo

Na relação entre duas línguas, a vizinhança ou coexistência espacial tende a modelar o léxico de uma e de outra por um recorte analógico do mundo objetivo, e, dessa maneira, cada língua conserva suas formas fônicas, porém introduz um novo conteúdo gramatical ou conceitual. Nos contatos, esporádicos ou sistemáticos, a interferência, embora em menor grau, está sempre presente.

Partindo das conseqüências dessas relações entre os sistemas lingüísticos, Alves (1990) classifica-os em: homogêneos, heterogêneos e amalgamado. Os primeiros são pouco receptivos a termos alógenos. O termo permanece segregado, sentido como termo não-nativo; os heterogêneos são receptivos aos termos alógenos, integrando-os e adaptando-os a sua estrutura. Seria o caso do inglês, que é constituído de elementos latinos, saxões e que assimila facilmente as inovações; também seria o caso do albanês, cujo léxico só conta 8% de vocábulos nativos; e, finalmente, os amalgamados são receptivos aos empréstimos de sistemas semelhantes, cuja estrutura é semelhante à sua. Eles se constituem o meio-termo entre os dois extremos anteriores. Entre estes estariam as línguas latinas.

Podem existir línguas que resultem da fusão de dois tipos de sistemas, formadas de elementos heterogêneos, fonemas e morfemas de origens diferentes. Estas seriam as chamadas línguas mistas.

Essas línguas eram constituídas pelos dialetos *pidgins*, falares crioulos, língua franca ou *sabir*. Para entendermos esta posição, necessária se faz a explicação do que sejam:

- *pidgin*: não é língua materna de nenhum grupo, bastante simplificada na sua estrutura, usada na intercompreensão de comunidades lingüísticas diferentes. Origina-se da língua do colonizador. O termo teria origem em *business*.
- *crioulo*: é o resultado da adoção do *pidgin*, transformado em língua materna. O termo teria sua origem no verbo português *criar* e viria de criadouro. Os portugueses – nos seus contatos com outros povos, a partir da era dos descobrimentos – deram enorme contribuição para o surgimento dos falares crioulos. O *papiamento*, crioulo espanhol falado em *Curaçao*, *Aruba* e *Bonaire*, deriva seu nome do verbo português *papear*;

- *língua franca ou sabir*: esta denominação engloba todas as mesclas lingüísticas de contato para a intercomunicação em situações bilíngües e plurilíngües. O termo *língua franca* teria sido usado pelos árabes e turcos (povos invadidos) para designar a língua do povo invasor, designando inicialmente a língua de intercurso usada pelos cruzamentos. Atualmente designa qualquer língua de intercurso, como o inglês, nas relações comerciais.

A classificação de línguas mistas é alvo de restrições, pois alguns consideram que a característica básica dessas línguas é apenas uma violenta simplificação do sistema fonológico e morfológico das línguas ocidentais; francês, inglês, espanhol, português e holandês são os casos mais freqüentes. Os termos nativos, embora abundantes, apareceriam na forma de “empréstimo”.

O certo é que estes falares (*pidgin* e *crioulo*) resultam dos contatos entre colonizado e colonizador em diversas partes da América, Ásia, e África e realizam-se como caso extremo de contato e intervenção lingüístico-cultural.

Com menor repercussão e interferência, porém, esses contatos se sucedem entre diversas línguas, provocando inovações e mudanças. As mudanças lingüísticas devem-se, insistimos em lembrar, à própria natureza da língua, e o fenômeno dos empréstimos – parte dessa mudança, ao contato com as demais línguas. Bloomfield (1961) definiu-o como “a adoção de traços lingüísticos diversos daqueles pertencentes ao sistema tradicional”.

A tendência à adoção de empréstimos, manifestada em todas as línguas do mundo, em maior ou menor intensidade, pode ser explicada pela força de intercurso, assim denominada por Saussure. O mestre genebrino percebia, na língua, a ação de duas forças opostas: o espírito de campanário e a força de intercurso. O *espírito de campanário* faz com que uma comunidade lingüística seja fiel às tradições, favorecendo a adoção das inovações e propagando-as.

No caso do empréstimo, é a força de intercurso a responsável por sua disseminação numa área maior.

Outras definições ampliam o conceito de empréstimo, termo cuja divulgação deve-se a Bloomfield. O empréstimo é uma tentativa de reproduzir, numa língua, os padrões lingüísticos já existentes em outras e uma conseqüência do contato entre as línguas.

A língua que cede o termo é considerada a língua fonte, e a que o recebe, língua receptora. O traço cedido é o modelo de empréstimo que poderá ou não sofrer adaptações segundo os padrões da língua receptora.

As causas dos empréstimos podem ser divididas em dois grupos:

- I. aquelas devidas ao contato interpessoal, à convivência dos falantes;
- II. aquelas devidas aos contatos a distância, mediatizados por canais artificiais.

Entre as primeiras, estão a proximidade territorial (fronteiras lingüísticas – p. ex.: o espanhol e o português), a colonização de um povo por outro e as guerras de conquistas.

Entre as segundas estão a influência e a intervenção política e cultural (a chamada colonização cultural) que se traduz na interferência lingüística. Ex.: o francês no português europeu.

A causa próxima dos empréstimos seriam os falantes bilíngües, pela interferência lingüística que resulta. Quando, porém, duas línguas de estruturas bem diversas entram em contato, nenhuma ação modificadora se produz, a não ser empréstimos lexicais adaptados.

De acordo com Bloomfield (1961), os empréstimos podem ser classificados em íntimos, culturais e dialetais.

O empréstimo íntimo é proveniente da convivência de duas línguas no mesmo território. Seria o caso do guarani e o espanhol no Paraguai. Ele se evidencia pela dominância de uma língua sobre a outra. Assim, se a língua da cultura *A* domina a língua da cultura *B*, poderão acontecer três hipóteses: *B* desaparece; deixa um *substrato* em *A*; *A* desaparece; deixa um *superstrato* em *B*; permanecem as duas, trocando elementos, na condição de *adstrato*.

O empréstimo externo ou cultural é o resultado dos contatos políticos, sociais, comerciais e até militares entre os povos, sempre com dominação de algum deles. É o tipo mais encontrável.

O empréstimo dialetal realiza-se entre falares da mesma língua, ou seja, variantes regionais, sociais e jargões especializados.

Há sempre uma língua mais forte que domina, porém é marcada por termos emprestados da outra, que forma o *substrato* lingüístico.

Os empréstimos dialetal, cultural ou íntimo são responsáveis, em grande parte, pela renovação vocabular, pois são, em sua grande

maioria, de natureza lexical. Os substantivos e adjetivos são os empréstimos mais frequentes. Os verbos se tornam mais raros.

Os tipos de contatos lingüísticos que resultam em empréstimo íntimo podem ser:

- como o português/tupi (ou qualquer língua ameríndia), imposição imediata da língua dos conquistadores, transposição da cultura e da sociedade e banimento do elemento local, que deixa apenas algumas marcas. Estas formam o substrato e são empréstimos íntimos na língua dos vencedores – na forma de termos para nomear realidades (lexemas).
- como o latim/português (ou qualquer língua neolatina), imposição lenta e gradual da língua dos vencedores aos povos vencidos, que permanecem dentro do seu esquema social, assimilando a nova língua e cultura. Da língua do povo vencido fica apenas o substrato, constituído por lexemas do uso cotidiano, empréstimos íntimos à língua dos vencedores, a partir de uma situação de diglossia;
- como nas conquistas normandas na Inglaterra; inglês/francês. Foi a dominação de um pequeno grupo (francês – normando) que desapareceu e deixou marcas na língua do vencido, como superstrato, razão pela qual o inglês tem inúmeros termos vindos do francês.

LÍNGUA

Léxico (do grego *lexicon*), em sentido lato, é sinônimo de vocabulário. É o inventário completo dos vocábulos que constam sempre em dicionários de uma língua. Sendo a menos sistemática das estruturas lingüísticas, o léxico depende, em grande parte, da realidade exterior, não lingüística. É ainda um conjunto virtual, onde se pode identificar, como unidade básica, o morfema, ou unidade significativa mínima.

O acervo lexical da língua portuguesa, como as demais línguas latinas, incluindo o francês, é formado a partir do latim popular, como era conhecido. Sua base lexical são as palavras que sofreram transformações no *romance*. São essas palavras, assim modificadas, que constituem o padrão fonético e morfológico do português, ou seja, sua base.

Para Martinet (1964), o léxico é o conjunto de morfemas lexicais e para Ullman (1964) é apenas um conjunto de palavras lexicais. De um modo geral, os lingüistas fazem oposição entre léxico e gramática como unidades significativas e regras combinatórias, respectivamente.

Segundo Crystal (1985), o léxico pode ser usado em oposição à gramática: o léxico compreenderia os termos e a gramática, as regras de uso.

O acervo lexical de uma língua é constituído, pois, por um conjunto de lexemas. É nele que se observam as mudanças na língua, as influências e as modificações. Os morfemas gramaticais são os mais conservadores. Para uma compreensão mais exata, poder-se-ia explicar que o léxico é uma parte do conjunto da língua, da mesma forma que o sistema fonológico, a flexão, a construção da frase e os processos de formação de palavras.

A língua é feita pelo povo, pelo uso e não pelo esforço dos gramáticos. São antagônicos os casos relatados a seguir. *Reclame* foi substituído por *comercial* ou *publicidade* sem traumas nem regras, assim como *abajur* por *quebra-luz*. Já o termo francês *rouleauté* é pronunciado *rolitê*; adaptou-se e dicionarizou-se como tal. *Filé au cordon bleu* torna-se, em alguns cardápios, *filé ao candomblé*. O termo nem sempre se criou na própria língua: pode ter as mais variadas origens sendo classificado como anglicismo, galicismo, helenismo, latinismo, italianismo, arabismo, espanholismo. Estes elencados são os mais freqüentes.

Ao classificar-se o empréstimo de acordo com sua origem, surge o conceito de hibridismo. São aqueles compostos de elementos provenientes de duas línguas diferentes:

Todas as línguas do mundo, conforme já explicado, trazem em seu sistema, marcas de empréstimos, sejam culturais ou íntimos, e, desenvolveram processos de adaptação. Finalmente, resumindo o assunto estudado, os empréstimos classificam-se quanto à forma de adoção em:

- decalque: *fim de semana, alta costura, juventude dourada*;
- adaptação fonética, morfológica e ortográfica: *degradê, matinê*
- incorporação na forma original, apenas com a conseqüente adaptação fonética: *bateau mouche*.
- Com menor repercussão e interferência, esses contatos com outra língua/cultura se sucedem freqüentemente entre diver-

sas línguas, provocando inovações e mudanças. As mudanças lingüísticas devem-se, insistimos em lembrar, à própria natureza da língua, e o fenômeno dos empréstimos – parte dessa mudança –, ao contato com as demais línguas.

- A tendência à adoção de empréstimos manifestada em todas as línguas do mundo, em maior ou menor intensidade, pode ser explicada pela força de intercurso, assim denominada por Saussure. O mestre genebrino percebia, na língua, a ação de duas forças opostas: o espírito de campanário e a força de intercurso. O *espírito de campanário* faz com que uma comunidade lingüística seja fiel às tradições, favorecendo a adoção das inovações e propagando-as.

No caso do empréstimo, é a força de intercurso a responsável por sua disseminação numa área maior.

Outras definições ampliam o conceito de empréstimo, termo cuja divulgação, deve-se a Bloomfield. O empréstimo é uma tentativa de reproduzir numa língua os padrões lingüísticos já existentes em outras e uma conseqüência do contato entre as línguas.

A língua que cede o termo é considerada a língua fonte, e a que o recebe, língua receptora. O traço cedido é o modelo de empréstimo que poderá ou não sofrer adaptações segundo os padrões da língua receptora.

Os empréstimos podem ocorrer por dois motivos: a) o contato interpessoal, a convivência dos falantes; b) os contatos a distância, mediatizados por canais artificiais.

Entre as primeiras, estão a proximidade territorial (fronteiras lingüísticas – p. ex.: o espanhol e o português), a colonização de um povo por outro e as guerras de conquistas.

Entre as segundas, estão a influência e intervenção política e cultural (a chamada colonização cultural) que se traduz na interferência lingüística. Estas seriam as causas remotas. Causa próxima dos empréstimos seriam os falantes bilíngües pela interferência lingüística, porém, quando duas línguas de estruturas bem diversas entram em contato, nenhuma ação modificadora se produz, a não ser empréstimos lexicais adaptados. Os empréstimos pressupõem uma interpretação, uma adaptação à estrutura da língua importadora.

Entre as adaptações fonéticas, surgem algumas singulares porque se afastam muito do modelo original e são adaptadas aos hábitos fonéticos do ouvinte da forma como ele a interpreta: *pontajur* (francês – *point-a-jour*) *baleiage* (francês – *balayage*)

Os sufixos *-agem*, *-izar*, *-ização*, apesar de sua origem latina e grega, respectivamente, foram adotados a partir do francês *-age*, *-iser*, *-isation*. De uma fase posterior o sufixo *-ete* (do francês *ette*) tem sido bastante produtivo. Partindo de *garçonete*, *pierrete* e *vedete* chegamos a *chacrete* e *malufete*. Quanto aos empréstimos sintáticos (de construção), surgem sempre em forma de calque e são mais observáveis na língua escrita.

Dados Históricos

O léxico é a principal testemunha da influência de uma língua sobre outra, ou mesmo da origem de cada língua.

A gênese do léxico de uma língua, para ser percebida em toda a sua extensão, não pode ser estudada por uma visão sincrônica da linguagem. É necessária uma visão diacrônica, para identificar-se a criação dos termos vernáculos e a adoção dos estrangeirismos. Saussure (1977) considerava que a língua deve ser estudada tendo em vista a sincronia e a diacronia.

Por sincronia, entende-se a observação da língua como se encontra em uma época determinada. Por diacronia, entende-se a observação histórica da língua na sua permanente elaboração e mudança. Em todo estado da língua, há algo de diacrônico.

Quando o falante nativo usa a língua, ele percebe os arcaísmos, termos que estão ficando ultrapassados, e os neologismos, elementos de criação recente, além dos estrangeirismos, palavras de uma língua estrangeira que começam a ser adotadas.

As mudanças políticas e culturais não causaram, nem causam transformações imediatas no sistema lexical. Todas as mudanças no léxico resultam da fala, ou seja, do uso da língua – através da fala se produzem as mudanças no sistema lexical, mudando as normas e, conseqüentemente, criando novas normas. A mudança lingüística em todas as áreas – inclusive no léxico – é algo que pertence à própria essência da língua.

O acervo lexical da língua portuguesa e da francesa são formados a partir do latim popular, como era conhecido. Sua base lexical são as palavras que sofreram transformações nos primitivos falares *romance*. São essas palavras, assim modificadas, que constituem o padrão fonético e morfológico das línguas românicas atuais.

Os falares romances foram assim chamados porque havia dois tipos de falares, durante o domínio romano. Quem falava latim erudito, corretamente, dizia-se *Loquor Latinici* (Falar Latim) e quem não primava pela perfeição, *Loquor Romanici* (falar à maneira dos Romanos). Viajando nas palavras, vemos que as histórias contadas pelos trovadores, de vila em vila, eram narradas nos falares locais, em romances variados. Posteriormente, a própria história passou a se chamar romance, denominação que passou a vigorar com destaque no movimento literário Romantismo, que buscava raízes na Idade Média.

Voltemos à história das línguas latinas, em especial à relação entre português e francês.

O *sermo vulgaris* ou latim popular prevaleceu sobre o latim clássico ou culto, *sermo urbanus*, em toda a Península Ibérica. Por isso, a língua portuguesa não se originou daquela escrita por Virgílio e Cícero, mas de sua modalidade popular. Palavras do latim popular como *bucca*, *caballus*, *apicula* substituíram *os*, *equus*, *apis*, do latim clássico, entrando no léxico português como boca, cavalo e abelha.

Estas matrizes do latim clássico formaram derivados eruditos como oral, equino, apicultor. Assim, contribuiu também o latim clássico para o acervo lexical português.

O *sermo vulgaris* ou latim popular prevaleceu sobre o latim clássico ou culto, *sermo urbanus*, em toda a região conquistada. Por isso, os falares românicos não se originaram daquela língua escrita por Virgílio e Cícero, mas de sua modalidade popular. Palavras do latim popular como *bucca*, *caballus*, *apicula* substituíram *os*, *equus*, *apis*, do latim clássico, entrando no léxico românico e em português como boca, cavalo e abelha. Em francês, respectivamente, resultaram em *bouche*, *chêval* e *abeille*.

Essas matrizes do latim clássico formaram derivados eruditos como oral, eqüino, apicultor. Assim, contribuiu também o latim clássico para o acervo lexical românico, em nível mais elaborado.

O núcleo lexical inicial, o vocabulário básico, foi adotado pelos povos conquistados, aprendido diretamente dos colonizadores e submetido ao tratamento fonético para a adaptação aos hábitos da fala da região, porém, este pequeno vocabulário básico (atos naturais, elementos geográficos, divisão do tempo, parentesco, partes do corpo, condições climáticas), com o passar do tempo e a complexificação da cultura, passou a não dar conta do novo. Para tanto, buscaram-se palavras no latim clássico que não sofreram o mesmo tratamento fonético anterior, porque foram introduzidas na forma escrita, para fins cultos, literários ou religiosos. Desta forma, *igneo* (do latim *ignis* – fogo), *silêncio/silence* (do latim *silentium*), *cogitar* (do latim *cogitare*) são bem próximas do modelo latino. Estas palavras foram adaptadas ligeiras e artificiais para enquadramento nas línguas românicas. Algumas já tinham entrado na primeira fase da língua, o *proto-românico*, e passaram por transformações de modo que de uma única palavra temos duas formas – popular e erudita

Exemplos do português

Oculus { Olhos
Óculos

Plenu { Cheio
Pleno

Clave { Chave
Clave

Em francês, temos *clé/clef; oeil/yeux*. Com *plenus /plein*, não há forma popular. Uma das causas das formas divergentes, é que, entrando primeiro pelo latim popular, o mesmo termo é retomado em nova forma, por influência de outra língua latina, a maior parte do francês: *Caput*: cabo (forma popular) chefe (*chef* – francês)

Dona (forma popular) dama (do francês *dame*)

Os termos provenientes do latim clássico diferem daqueles vocábulos ou expressões latinas, que, introduzidos posteriormente, são ainda hoje usados em sua forma original: *mapa-mundi*, *sine die*, *curriculum vitae*. Mas nem só do acervo latino se valeram as línguas românicas e entre elas o português e o francês.

Elementos pré-romanos

Entre os elementos pré-romanos – o *substrato* (língua primeira de um grupo de falantes que a substitui por outra) – temos os ibéricos e celtas, com termos como: balsa, manteiga, arroio, e até mesmo alguns desta língua estranha de origem tão desconhecida: o basco, entre eles, *esquerdo*, *bezerro*, *cachorro* e *zorra* – bem familiares para os brasileiros. Na França une *mélange infini* de *peuples*, dos quais vários restarão desconhecidos contribuíram para o lastro lingüístico, com grande interferência dos gauleses.

Elementos pós-romanos

Os elementos pós-romanos são de origem germânica e árabe. O *superstrato* (língua do povo conquistador, abandonada em favor da língua do povo conquistado, permanecendo, contudo, alguns traços) é constituído de elementos germânicos (godos, suevos e álamos). Referem-se a objetos e costumes de guerra: luva, elmo, roubar, guerra. De origem germânica são numerosos substantivos, adjetivos e verbos que apresentam como particularidade fonética a transformação do *w* (inicial) em *gu* – guerra (*werra*), *guisa* (*wisa*). São de origem germânica os nomes dos pontos cardeais: Norte, Sul, Leste, Oeste.

O *adstrato* (língua falada em uma área, por um povo que mantém sua língua materna, sendo fonte permanente de empréstimos lexicais), no português, é constituído pelos termos adotados durante a longa invasão árabe na Península.

Como o árabe tinha conhecimentos ainda não adquiridos pelos povos europeus, os termos indicam ciências e técnicas introduzidas (álgebra, xarope, zero, chafariz, álcool), além de objetos, ofícios, alimentos e costumes aprendidos e adotados (alfaiate, alfinete, arrais, alface, bairro, aldeia). A maioria começa com – *al*, artigo árabe entendido como fazendo parte do termo: *al* + *zait* = azeite; *al* + *açauc* = açougue;

al + ruz = arroz; al + 'çud açude. Os algarismos foram introduzidos pelos árabes na Europa. Formados a partir dos números de ângulos que possuíam simplificaram a forma escrita e trouxeram com eles a noção do zero (0-, nenhum ângulo) que os romanos desconheciam facilitando cálculos e desenvolvendo as ciências matemáticas. O termo zero nomeava zéfiro, um vento do deserto e resultou em português e francês, zero/zéro e cifra/chiffre.

Como língua e história caminham juntas, explica-se o fato de que no francês, não houve adstrato árabe, embora sejam comum os empréstimos, porque estes foram rechaçados por Carlos Magno, no desfiladeiro Roncevaux, uma passagem na parte sul dos Pirineus, na batalha do mesmo nome quando o imperador perdeu seu sobrinho Roland, em combate. O fato deu origem a *La Chanson de Roland*, canção de gesta do romanceiro medieval, onde o trovador conta o episódio, descrevendo os lances de heroísmo na batalha. Ao abordar as influências literárias, voltaremos a nos reportar ao fato.

Línguas latinas: o Português

No Português, os elementos importados de outras línguas européias foram introduzidos a partir da Idade Média, oriundos das demais línguas latinas, mas o francês foi que mais contribuiu. Galicismos medievais, influência da França na nascente nação portuguesa, foram uma constante. Eles vieram tanto da *langue d'oui* do norte frâncico ou francês propriamente dito – como da *langue d'oc* do sul provençal.

A França, como precursora na oficialização do idioma nacional, com seu documento escrito no ano de 842, (*Le Serment de Strasbourg*) teve enorme influência na fase de formação das línguas peninsulares. Os primeiros documentos escritos em língua francesa influenciaram o desenvolvimento nas demais línguas latinas, entre elas o português, ou galego português, como foi chamado primeiramente. Além do acima citado, foram eles *La Vie de Saint Legèr* e *La Cantilène de Sainte Eulalie*.

São galicismos desta primeira época: jogral, segrel, trovador, linhagem, viagem – por influência da poesia trovadoresca de origem provençal. A corte portuguesa, de origem francesa, pois a primeira dinastia após a independência de Portugal em relação à Espanha foi a

dinastia de Borgonha (*Bourgogne*), divulgava a língua dos ancestrais nas terras portuguesas.

Também a ortografia revela a influência provençal. Em 1255, o rei de Portugal, D. Afonso III, impõe as grafias *nh* e *lh* como representação para as palatais, solução provençal para o *n* e *l* palatais, evitando assim a solução castelhana (ll.ñ.).

Passada a época medieval, nos séculos seguintes, a França continuou sendo o modelo cultural para toda a Europa e sua influência se fez sentir no vocabulário português, chanceler, jóia, blusa, envelope, chaminé, maré. Adaptadas à língua portuguesa, elas ampliaram o idioma, nomeando formas novas na vida da comunidade.

A importação de termos do Francês

Esta importação é o resultado dos contatos políticos, sociais, comerciais e até militares entre os povos, sempre com dominação de um deles, como nas conquistas normandas na Inglaterra. Foi a dominação de um pequeno grupo (francês – normando) que desapareceu e deixou marcas na língua do vencido, razão pela qual o inglês tem inúmeros termos vindos do francês. Beef(fr)/ cow(sx). Mutton (fr) Sheep(sx). Poule(fr)chicken(sx) Pork(fr) Pig(sx). Isso porque os saxões, como dominados cuidavam dos animais vivos, criando-os no campo, enquanto os normandos, como dominadores, nomeavam os animais mortos, as carnes que lhes eram servidas.

O francês foi frequentemente intermediário no processo de adoção:

humor (português), do francês *humeur*, pelo inglês *humour*
parlamento (português), do francês *parlament*, pelo inglês *parliament*
dama (português), do latim *domina* (senhora), pelo francês *dame*

Os empréstimos denotativos são impostos pela interpenetração e dominação cultural.

Segundo Horácio, poeta latino, *res verba sequuntur* (as coisas são seguidas pelas palavras), no que concordam os modernos lingüistas: importar uma palavra é importar uma maneira de ver o mundo. Quanto ao empréstimo conotativo, ele depende da moda do momento, pois é resultante de uma influência cultural. Utilizando a dicotomia saussuriana *langue/parole*, enquanto o conotativo faz parte da *parole* – uso indivi-

dual –, o denotativo passa a ser um elemento da *langue*, já socializado. Dentro deste aspecto alguns continuariam como fatos da *parole* (não são retomados em novos enunciados) e outros tornar-se-iam fatos da *langue*, pela frequência de uso.

A partir do século XVIII, intensificando-se no século XIX, e, atingindo as primeiras décadas do século XX, o mundo ocidental, em especial o Brasil, tinha a França como modelo de civilização, língua e literatura.

Essa forte penetração francesa deixou vestígios no vocabulário da moda (*godê, evasê, chique, tailleur, elegante*), da vida social (*cardê, menu, bistrô, restaurante*), da literatura (*mal de siècle, jeu d'esprit*), das artes em geral (*art déco, silhueta, dublê, lilás, matinê*).

No Brasil do século XIX, a sociedade se movia ao ritmo discreto e digno das modas de Paris. Informes sobre moda feminina, cartões, postais e poesias filtravam a realidade brasileira por lentes importadas da França. Na educação escolar, predominava a escola francesa. Em todos os níveis de ensino, em todas as escolas, o francês era ensinado e falado, até a segunda metade do século XX.

Deveu-se o fato ao grande número de congregações católicas de educadores, vindos da França e que aqui divulgavam o idioma de Molière. Nos colégios religiosos ou de elite, era freqüente o uso do francês como língua corrente

LITERATURA

Concentro-me e encontro um mundo em mim mesmo, mas também aí, é um mundo de pressentimentos e desejos obscuros e não imagens nítidas e forças vivas. Tudo flutua vagamente nos meus sentidos e assim, sorrindo e caminhando, prossigo na minha viagem através de mim e do meu mundo.

Goethe

A Literatura é uma das artes mais complexas. Seu instrumento, a palavra, gera possibilidades de expressão, já que cada uma delas admite várias flexões e sentidos. Por meio da palavra escrita, o homem fez registros de ordem documental e prática, firmou acordos e contratos, enviou mensagens, colecionou informações e dados. Um dia, porém, usou graficamente a palavra, como expressão de suas idéias e

sentimentos mais profundos, como a formalização de seu olhar subjetivo sobre o mundo e a Literatura se fez arte e habitou entre nós.

A manifestação artística por excelência da linguagem é a literatura, seja em poesia seja em prosa. É a literatura que fixa a língua, que contribui como uma mensagem imutável com elementos estáticos e que transcende no tempo, por lhe fixar a forma e servir de testemunha para os pósteros.

O francês foi a primeira língua latina a ter sua forma fixada escrita e a ter a normatização da gramática. Também através de seu cancionero medieval com as canções de gesta, seu romancero levado às vilas e castelos da Europa pelos *Troubadours* da Provença e pelos *Trouvères* do Norte (trovadores em geral) que influenciaram todo o cancionero ibérico com cópias e imitações que modelaram a poesia de então.

A Canção de Rolando (no original francês *La chanson de Roland*) é um poema épico composto no século XI em francês arcaico, acerca da batalha de Roncesvaux travada no desfiladeiro do mesmo nome por Rolando, sobrinho de Carlos Magno e os demais Pares de França. Mas a oralidade adicionou outros pormenores ao épico que não correspondem à realidade histórica. Cantado oralmente, chegando a várias partes do Ocidente Europeu, inúmeras povoações fazem derivar o seu nome da designação do nome de Rolando: *Rollà*; até mesmo na Galiza e em Portugal foi conhecido, graças aos peregrinos de Santiago, sendo logo adotado pelos habitantes do noroeste peninsular sob o nome de *Roldão* ou *Rolão* e com fama de Santo. Apesar de não corresponder à verdade dos acontecimentos históricos, é considerado, no entanto, um dos maiores épicos da Idade Média (a par, por exemplo, do *Cantar do Mío Cid*,) prenúncio das histórias de cavalaria desse período. Na canção, Rolando sucumbe a um ataque dos árabes, o que não é verdade. E morre tocando sua corneta para avisar aos demais. No poema se encontra nele o germen do que virá a ser a literatura cavaleiresca. A Canção de Rolando, marco no ciclo de canções de gesta carolíngio, muito influenciou os romances de cavalaria, escritos em português arcaico, influência que chegou aos dias de hoje, no Nordeste Brasileiro, pela arte da literatura de cordel.

Nos períodos literários que se seguiram, a influência da literatura francesa escrita e já não mais cantada, em forma de romances, se faz sentir na literatura portuguesa. A França foi o primeiro país a criar

Academia de Letras e autores como os poetas Ronsard e Malherbe, pensadores como Voltaire e Montesquieu foram tomados como modelo nas belas letras em Portugal. O teatro clássico com Corneille e Racine incentivou cópias e imitações, através da teoria das três unidades: tempo, lugar e ação.

Foi somente, a partir do Romantismo, escola literária, com ideário organizado, que se agigantou a contribuição da literatura francesa em Portugal e no Brasil. Nessa época, o Brasil já se tornara independente, embora ainda não fosse um país letrado, o que demorou a tornar-se. Victor Hugo, Alfred de Vigny, Musset inspiraram os autores, alguns sem originalidade e outros, como Castro Alves, com uma poesia de marca pessoal forte, com imagens grandiosas em estética declamatória e conteúdo vibrante. José de Alencar também soube criar uma literatura própria, embora seguindo os modelos franceses, pois criou condições peculiares para transpô-los adaptando-os à nossa realidade. Em Álvares de Azevedo, o lirismo melancólico de Vigny e Musset encontrou um seguidor.

O Realismo, o Naturalismo, o Parnasianismo, o Simbolismo franceses também motivaram os autores lusos e brasileiros a seguir os mesmos caminhos, como foi o caso de Eça, Cruz e Souza, Olavo Bilac (que fazia da Rua do Ouvidor um *boulevard* parisiense), Aluisio de Azevedo, entre outros.

O tema polêmico de adultério feminino foi retratado por Flaubert, com compaixão (*Madame Bovary*), por Eça de Queiroz, com crueza e um certo cinismo (*O Primo Basílio*) e por Machado de Assis, de forma velada, magistral, apenas insinuando e deixando a dúvida até hoje (*D. Casmurro*).

Ao chegar ao século XX, as várias correntes do Modernismo adotaram estéticas diferenciadas, mas, na literatura brasileira, foi o momento de buscar as raízes da nacionalidade através de caminhos variados. O francês, porém, deixou sempre a marca de sua contribuição.

Como diz Drummond: *Vai Carlos, ser gauche na vida*. E o querido Bandeira declara: As mulheres do sabonete Araxá me *bouleversam!*

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda. *Neologismo: Criação Lexical*. São Paulo, Ática (série Princípios, 191). 1990.
- AUSTIN, J.L. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo N. de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria lingüística: lingüística quantitativa e computacional*. 2. ed, São Paulo. Martins Fontes, 2001.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961.
- CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Princípios de Lingüística Geral*. 7. ed. Rio de Janeiro: Padrão. 1989.
- CARVALHO, Nelly. *Publicidade: a linguagem da sedução*. São Paulo. 3. ed. Ática, 2006.
- CORRÊA DE CASTRO, Sérgio. *Palavras sem fronteiras*. São Paulo: Record, 2000.
- CRYSTAL, David. *A dictionary of linguistics and phonetics*. New York; Basil Blackwell, 1985.
- COSERIU, Eugenio. *Sincronia, Diacronia e História*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mario Ferreira. São Paulo: Presença. 1979.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olimpio. 1952
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em Prosa Moderna*. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1980.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- HOUAISS, Antônio. *A Nova Ortografia da Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática 1991.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. São Paulo: Ática. 1992.
- LUDTKE, Helmunt. *Historia del lexico románico*. Version española de Marcos M. Hernandez. Madrid: Gredos, 1968.
- MARTINET, André. *Elementos de Lingüística Geral*. Trad. Jorge de Moraes Barbosa. Lisboa: Sá Costa Ed. 1964.
- MATORÉ, George, *La méthode em lexicologie*, Paris, Marcel Didier. 1953
- MIRA MATEUS, Maria Helena & BACELAR DO NASCIMENTO, Fernanda. *A Língua Portuguesa em mudança*. Lisboa: Caminho. 2005.
- PALÁCIO, Adair Pimentel. *Guatú, a língua dos índios canoieiros do rio Paraguai*. Campinas: Unicamp, 1984. Tese de Doutorado.
- RONDEAU, Guy. *Introduction à la terminologie*. Quebec: Gaëtan Morin Éditeurs, 1983.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 8. ed. Trad. Antônio Chelini et alli. São Paulo. Cultrix. 1977.

TARALLO, Fernando & Alkmin, Tânia. *Falares crioulos – línguas em contato*. São Paulo: Ática, 1987.(Série Fundamentos,15.)

ULLMAN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. 4. ed. Trad. José Osório Mendes. Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian. 1964.

VANOYE, Francis. *Usos da Linguagem. Problemas e Técnicas da Produção Oral e Escrita*. 2. ed. Trad. e Adaptação de Clarice Madureira Sabóia et alli. São Paulo. Ed. Martins Fontes. 1981.

RESUMO

O presente trabalho, na primeira parte, aborda a formação das línguas latinas, em especial da língua portuguesa e da francesa, com as contribuições desta última para a formação do acervo lexical do português. Para tal, traz à discussão o conceito de sistema lingüístico e empréstimo, como também alguns fatos pertinentes à história de ambos os idiomas, tendo em vista os numerosos casos de adoção lexical feita pelo português em relação ao francês. Na segunda parte, faz-se uma consideração geral do papel da literatura em relação à língua, explicando o papel de textos seminais, como é o caso da *Chanson de Roland*. A seguir, destaca-se o modelo da literatura francesa, nas várias escolas, como padrão que foi observado na história da literatura de língua portuguesa, com as necessárias adaptações e mudanças.

PALAVRAS-CHAVE: Formação das línguas latinas. Sistema lingüístico. Empréstimo.

RÉSUMÉ

Dans sa première partie, cet article parle des langues latines, surtout de la langue portugaise et française, et comment cette dernière a contribué à la formation du lexique portugais. A partir des concepts de Système Linguistique et d' Emprunts, l'auteur commente certains cas d'adoption lexicale faits par le Portugais à la langue française: l'histoire du Portugal peut expliquer les emprunts du français au portugais. Dans la deuxième partie, on parle sur l'influence de la littérature française sur celle du Portugal et ensuite sur celle du Brésil, une influence qui a commencé au Moyen Age avec les chansons de geste, notamment avec La Chanson de Roland. On commente également le modèle de littérature française qui a été adopté dans les écoles et le rôle qu'il a eu dans l'histoire de la littérature em langue portugaise.

MOTS-CLÉS: Latines langues. Système linguistique. Emprunts.

ABSTRACT

This paper discusses the Latin languages formation, particularly Portuguese and French, emphasizing the contributions of the latter to form the collection of the lexical Portuguese. The article brings about the discussion of the linguistic and loan system concept, as well as some relevant facts to the both languages history, in view of the numerous lexical adoption Cases by the Portuguese in relation to the French. There is, also a general consideration of, the role of literature in relation to language, explaining the role of seminal texts, such as the Chanson de Roland. Afterwards the author shows the French literature model in several schools, such as pattern that was observed in the Portuguese literature history, with its necessary adjustments and changes.

KEYWORDS: languages formation. Linguistic system. Loan.

